



ISSN on-line: 2238-4170

<http://estacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/gestaocontemporanea>
Gestão Contemporânea, v.12, n.2, p. 96-120, nov. 2022.

ARTIGO ORIGINAL

PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE NA DOCÊNCIA EM ADMINISTRAÇÃO

ORIGINAL ARTICLE

PRODUCTION OF SUBJECTIVITY IN TEACHING IN ADMINISTRATION

Vanessa Carla de Freitas¹

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, Brasil

Resumo

A docência é marcada pelas trocas entre o docente e discente, onde ambos têm algo a oferecer e a acrescentar no processo de ensino. Assim, a produção de subjetividade na sala de aula acontece através das interações entre professor e aluno. O problema de pesquisa que este artigo se propõe a investigar é: como o trabalho docente produz subjetividades no contexto da sala de aula? Este é um estudo qualitativo, descritivo. Participaram do estudo docentes do curso de graduação em administração. Os dados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas e Método de Instrução ao Sósia. Resultando nas categorias: Pesquisador-professor ou Professor-pesquisador; Reflexões sobre a docência; Traços de Subjetividade. Essas apontaram para a necessidade do diálogo e do respeito entre os docentes e discentes, de modo a incluir nas aulas as diversas formas de percepção da realidade. Além disso, apontou-se que o trabalho docente produz subjetividades por meio do processo de trocas entre professores, alunos e comunidade. Desse modo, este artigo contribui com o campo ao apresentar o espaço da sala de aula enquanto um local de produção de subjetividades conjuntamente com as atividades menos visíveis realizadas pelos docentes fora desse ambiente. Outrossim, contribui com a academia ao questionar os sistemas de avaliação e formação docente vigentes, que não valorizam adequadamente o ensino e extensão no ensino superior.

Palavras-chaves: Trabalho docente. Produção de Subjetividade. Administração.

Abstract

Teaching is marked by exchanges between teacher and student, where both have something to offer and to add to the teaching process. Thus, the production of subjectivity in the classroom takes place through interactions between teacher and student. The research problem that this article proposes to investigate is: how does teaching work produce subjectivities in the context of the classroom? This is a qualitative, descriptive study. Professors of the undergraduate administration course participated in the study. Data were collected through semi-structured interviews and the Instruction to the doubles. Resulting in the following categories: Researcher-teacher or Teacher-researcher; Reflections on teaching; Traits of Subjectivity. These pointed to the need for dialogue and respect between teachers and students, in order to include in the classes the different ways of perceiving reality. In addition, it was pointed out that teaching work produces subjectivities through the process of exchanges between teachers, students and the community. In this way, this article contributes to the field by presenting the classroom space as a place for the production of subjectivities together with the less visible activities carried out by teachers outside this environment. Furthermore, it contributes to the academy by questioning the current systems of evaluation and teacher training, which do not adequately value teaching and extension in higher education.

Keywords: Teaching Work. Production of Subjectivity. Administration.

¹ Doutoranda em Administração pela UFES. E-mail: vcarlade Freitas@gmail.com.

INTRODUÇÃO

O trabalho docente é usualmente percebido como o ato de ministrar aula através de um conhecimento científico (PETINELLI-SOUZA; SOUZA, 2012). No entanto, a atividade envolve muitas outras ações e demandas profissionais, como: elaboração de relatórios, correção de trabalhos, participação em reuniões, entre outras atividades que não são amplamente conhecidas (ALVAREZ, 2004). Desse modo, segundo Arbex, Souza e Mendonça (2013), o trabalho docente é uma atividade realizada em múltiplos ambientes, em horários distintos do determinado pelas normas organizacionais.

Além disso, a docência envolve o professor e o aluno por completo. Desse modo, na docência os professores aplicam seus valores, conhecimentos e subjetividades nas atividades de trabalho (GRILLO, 2004). Assim, ao exercer o trabalho docente os professores aplicam e transformam as subjetividades que os envolvem (GONZALÉZ-REY; BIZERRIL, 2015). Essa, segundo González-Rey e Bizerril (2015), pode ser entendida como as pessoas atribuem sentido e compreendem as situações vigentes.

Dessa forma, o trabalho docente é produtor de subjetividades. Isso porque, as atividades que envolvem a atividade profissional são influenciadas e influenciam a forma como cada sujeito interpreta as situações que estão a sua volta (GONZALÉZ-REY; BIZERRIL, 2015). Essa percepção da realidade é produto das conexões entre os diversos âmbitos da vida do sujeito, incluindo o trabalho docente. Portanto, a produção de subjetividade acontece em diversos momentos e atividades relativas ao exercício da profissão, sendo tecida nas trocas de experiências, vivências e atribuições de significado feitas pelos sujeitos no cotidiano.

Este estudo contribui com a academia ao apresentar os efeitos das subjetividades dos docentes como elemento a ser considerado na gestão dos cursos e planejamentos dos cursos superiores. Além disso, apresenta os espaços onde essa produção acontece e de que modo as subjetividades envolvem a atividade profissional para além da sala de aula. O trabalho é relevante de forma prática para a sociedade

ao levantar a reflexão sobre como o trabalho, aqui o docente, enquanto formador dos sujeitos.

Nesse cenário, o trabalho demonstra sua relevância social, e a necessidade de assegurar que este elemento significativo do homem seja assegurado a todos que possam exercê-lo. Por fim, esta pesquisa colabora com a classe docente, ao apresentar como o trabalho a forma e a relevância de condições de trabalho mais favoráveis ao exercício laboral são importantes para todos os envolvidos com a educação. Posto isso, o problema de pesquisa que este estudo se propõe a investigar é: como o trabalho docente produz subjetividades no contexto da sala de aula?

Este artigo está organizado da seguinte forma: após esta introdução, segue o tópico o trabalho docente e a produção de subjetividades, seguidos dos caminhos metodológicos, análise e discussão dos dados, tópico tecendo críticas e pensando caminhos e por fim as considerações finais.

REFERENCIAL TEÓRICO

O TRABALHO DOCENTE

O trabalho é socialmente entendido como toda atividade feita com a finalidade de obtenção dos meios para a sobrevivência (NEVES, et al., 2018). No entanto, o trabalho faz parte da vida das pessoas para além dessa função, sendo um laço social entre os membros de uma comunidade (PETINELLI-SOUZA; SOUZA, 2012; RATTO, et al., 2021; D'AVILA; MELO, 2022). Desse modo, segundo os autores, apesar de ser entendido como algo que o ser humano precisa fazer, o trabalho é um meio de inserção e pertença social. Essa construída temporalmente, não sendo algo escolhido pelo sujeito, mas esse compelido nessa direção (SOUZA; BIANCO, 2007).

Dessa forma, apesar do caráter da necessidade de recursos para sobrevivência, de obrigação social uma ação executada de forma não voluntária (SOUZA; BIANCO, 2007). O trabalho possui o atributo de constituir o espaço social do sujeito na sociedade, promovendo respeito, confiança (PETINELLI-SOUZA; SOUZA, 2012). Contrariamente, as pessoas sem trabalho perdem lugar, são percebidas por lentes de desrespeito e desconfiança (PETINELLI-SOUZA; SOUZA,

2012). Assim, segundo Revuz (2007), no trabalho há o desejo de inclusão, aceitação social e de sobrevivência, recursos conjuntamente atuando no mundo do sujeito.

Por outro lado, o que é trabalho, não pode ser definido de forma permanente, visto que seu significado acompanhar as transformações das pessoas e da sociedade (MAGGI; TERSAC, 2004). Dessa maneira, o trabalho é transformado pela sociedade, enquanto transforma o sujeito, molda as realidades e subjetividades individuais e coletivas (DEJOURS, 2004).

O trabalho docente, enquanto atividade complexa, que envolve as demandas e expectativas de diversos sujeitos e entidades (SILVA; BORBA, 2011; VINCENZI, 2012; DA SILVA; DA SILVA JUNIOR, 2022), tem por característica agir como formador e transformador dos sujeitos (SOARES; VERISSIMO, 2010). Ao olhar para etimologia do termo docência, que identifica a profissão do docente, vê-se que significa instruir, mostrar, indicar, dar a entender (VEIGA, 2006; NÖRNBERG; FORSTER, 2016). Desse modo, o trabalho docente tem por finalidade auxiliar o discente na formação profissional e conseqüentemente, na formação humana (SOARES; VERISSIMO, 2010).

Por outro lado, a docência é permeada por diversas demandas visíveis e invisíveis (ARBEX; SOUZA; MENDONÇA, 2013; DA SILVA; DA SILVA JUNIOR, 2022). A atividade mais conhecida e visível dos professores é a atuação na sala de aula. Essa exige a utilização de mecanismos tecnológicos, criatividade para envolver os discentes na construção do conhecimento (SANTANA, 2013; DA SILVA; DA SILVA JUNIOR, 2022). Em contrapartida, há atividades menos visíveis, como: funções de chefia, a elaboração e acompanhamento de projetos, a administração e prestação de conta de recursos, elaboração de relatórios e pareceres, participação em reuniões, busca de financiamento para a realização de pesquisas (LEMOS, 2011; ARBEX; SOUZA; MENDONÇA, 2013).

Essas atividades do trabalho docente acontecem em múltiplos lugares, envolvendo diversos ambientes e pessoas (ALVAREZ, 2004; DA SILVA; DA SILVA JUNIOR, 2022). Além disso, o trabalho é exercido em horários diversos, incluindo finais de semana, feriados e os momentos destinados ao descanso (ALVAREZ, 2004;

ARBEX; SOUZA; MENDONÇA, 2013). Ademais, segundo Libâneo (2002), a docência precisa acompanhar as transformações sociais, tecnológicas e inseri-la na rotina acadêmica das aulas.

Por essa razão, os docentes utilizam de diversos mecanismos pedagógicos e tecnológicos para envolver os alunos nas aulas, a fim de tornar os conteúdos inteligíveis (SANTANA, 2013). Assim, incentivando os discentes a assumirem o protagonismo na aprendizagem (FIORIN, 2001; JOOSTEN, 2013). Esses aspectos fazem parte da realidade da maioria dos docentes, porém, é mais latente nas universidades públicas.

Desse modo, segundo Lemos (2011), a Universidade é um local de busca de respostas objetivas, técnicas e realistas para a academia e a sociedade (LE MOS, 2011). Assim, a instituição é uma organização social complexa que tem como elementos básicos atender ao tripé ensino, pesquisa e extensão (DIAS SOBRINHO, 2008). Segundo Dias Sobrinho (2008), a finalidade da universidade é produzir e reproduzir conhecimento nas diversas áreas de saber acadêmico e disponibilizá-lo a comunidade (DIAS SOBRINHO, 2008).

Apesar disso, segundo Lemos (2011) e Alcadipani (2011), há uma problemática envolvendo esse compromisso da instituição, a preferência pela pesquisa em detrimento do ensino e extensão. Segundo Alcadipani (2011), o sistema de avaliação docente incentiva essa condição, visto pontuar os quilos de artigos produzidos independentemente da qualidade das demais atividades. Desse modo, é complexo o dilema que envolve a obrigatoriedade de produção científica entre os docentes universitários.

Conseqüentemente, segundo Dias Sobrinho (2008), a publicação é tida como uma obrigação de todos os docentes. Porém, esse entendimento não é unanimidade, há a ideia que a obrigação dos docentes universitários é com os três pilares (DIAS SOBRINHO, 2008). Portanto, não há um entendimento exato sobre até que ponto a realização de pesquisas, projetos de extensão são obrigatórios a todos os professores. Apesar disso, independentemente de qual atividade o docente esteja realizando, essa é influenciada e produtora de subjetividades.

A PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE(S)

A subjetividade apresenta diversas concepções, neste estudo adota-se o termo no plural, subjetividades, devido envolver múltiplos aspectos da vida humana, os quais estão constantemente em transformação, influenciando e sendo influenciado pela sociedade e o contexto histórico do ambiente (VOLNOVICH, 1996; VILHENA, 2002; MOREIRA; DUTRA, 2006; MARTINES; MACHADO, 2010). Outrossim, a subjetividade é uma rede de relações, construída pelas experiências, culturas, pessoas e situações vivenciadas pelo sujeito (VOLNOVICH, 1996; VILHENA, 2002; MOREIRA; DUTRA, 2006).

Portanto, não é individual, mas perpassada por múltiplas redes sociais que se entrelaçam, em um contínuo processo de encontros e desencontros (SILVA; SANTOS, 2011; PESSAMILIO; MOTA, 2021). Dessa forma, segundo Mansano (2010, p. 112) a subjetividade é “matéria-prima viva e mutante, a partir da qual é possível experimentar e inventar maneiras diferentes de perceber o mundo e de nele agir”. Segundo o autor, não é intimista ou estático, mas mutável, inconstante, que engloba os aspectos biológicos, mentais, sentimentais, emocionais, espirituais, sociais, etc.

Conseqüentemente, o trabalho docente é produtor de subjetividades. Assim, a partir de Martines e Machado (2010), percebe-se que no cotidiano de trabalho nas atividades inerentes à docência estão presentes as vivências, percepções da realidade do próprio sujeito e da comunidade onde está inserido, ou seja, as subjetividades (PESSAMILIO; MOTA, 2021). Segundo Nóvoa (2007), a forma de agir do professor em sala de aula é fruto experiências, medos, certezas e predileções do sujeito. Dessa maneira, é o que torna o ser professor de cada um único (NÓVOA, 2007).

As subjetividades são construídas e reconstruídas na vivência das atividades cotidianas (SILVA; SANTOS, 2011; PESSAMILIO; MOTA, 2021). Segundo Anselmo (2011), à medida que o sujeito tem contado com atividades, novas experiências, novas percepções são produzidas. Outrossim, as tensões e controles das Instituições de Ensino Superior, órgãos de fomento e avaliativos, sociedade, a concorrência interna e externa, também produzem subjetividades (LEMOS, 2011). Além disso, segundo

Assis e Bonifácio (2012), o não atingimento das expectativas acadêmicas esperadas por qualquer docente gera sofrimento e desgaste. Segundo os autores, em virtude da imagem social criada do sujeito, mudando a percepção acerca do trabalho, colegas e a autopercepção.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Para que fosse possível compreender o trabalho docente de forma efetiva, investigaram-se as atividades cotidianas de trabalho exercidas pelos professores. Assim, o estudo se desenvolveu na instância mais conhecida da docência, a sala de aula.

Este é um estudo qualitativo, tipo de pesquisa direcionada pela busca do desenvolvimento, compreensão dos acontecimentos através das perspectivas estudadas sem o uso de recursos estatísticos (NEVES, 1996). Dessa maneira, utilizou-se como procedimento técnico o estudo descritivo, devido ter por característica a descrição, classificação e interpretação do fenômeno, porém, sem objetivar atingir uma máxima explicação ou o porquê da situação investigada (TRIVIÑOS, 1987; VIEIRA, 2002; DANTON, 2002).

Assim, o estudo foi realizado na Universidade Federal do Espírito Santo — UFES, no Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas — CCJE, departamento de Administração, que possui dois turnos, matutino e noturno. Os docentes que participaram da pesquisa foram seis, os quais ministram aulas na graduação ao menos por cinco anos. Esse procedimento foi adotado para garantir que os depoimentos apresentados fossem pautados em ampla vivência profissional na universidade. Desse modo, os professores foram selecionados pela acessibilidade.

Por essa razão, os docentes foram convidados a participar da pesquisa por *e-mail* por grupos com quatro docentes. Esse procedimento foi repetido por quatro vezes, devido ao não aceite em participar da pesquisa por alguns dos docentes convidados até alcançar um número satisfatório de participantes, a saber: seis docentes. Esses compunham um grupo de três homens e três mulheres. Essa divisão não foi intencional, mas o resultado do processo de convite e aceite dos professores.

Inicialmente solicitou-se aos docentes que escolhessem uma data nas possibilidades apresentadas pela pesquisadora para o início dos procedimentos de pesquisa. Além disso, havia a possibilidade de remarcações, caso essas fossem necessárias, as quais ocorreram devido questões de saúde dos participantes, problemas familiares, reuniões, etc. Dessa forma, houve um caso onde não se conseguiu contato com um dos participantes por meios eletrônicos, somente presencial. Devido a isso, ocorreram cancelamentos não comunicados à pesquisadora, ocasionando atrasos na pesquisa e o desgaste em ambas as partes. Por essa razão, optou-se pelo encerramento da participação desse docente do estudo.

Todos os que manifestaram interesse em contribuir com o estudo assinaram o Termo de Livre Esclarecimento (TLE), no primeiro encontro com a pesquisadora, atendendo a Resolução nº 466/2012 e Resolução nº 510/2016 do Ministério da Saúde (BRASIL, 2022). Conforme Angrosino (2007) o pesquisador deve esclarecer aos participantes qual o propósito do seu estudo e como este irá ocorrer. Desse modo, todos os participantes receberam uma via do documento e outra foi arquivada com a pesquisadora. Além disso, o estudo passou pelo Comitê de Ética da universidade, por se tratar de pesquisa envolvendo seres humanos.

Os procedimentos de coleta de dados foram em forma de entrevistas. Essas ocorreram em três momentos, a saber: primeira entrevista, para conhecimento do sujeito, sua trajetória pessoal e profissional. Seguindo de entrevista da aplicação do Método de Instrução ao Sósia. Concluindo com entrevista para confrontação simples do participante com suas respostas. Desse modo, todas as entrevistas foram semiestruturadas.

Segundo Boni e Quaresma (2005), esse tipo de instrumento de pesquisa tem por característica a realização de questões preparadas previamente, feitas em tom de conversa, as quais devem ser respondidas pelos pesquisados. Dessa forma, o instrumento garante que dúvidas no entendimento das respostas sejam minimizadas, por sua natureza elástica quanto à duração, adaptável às necessidades dos

participantes e do pesquisador, permitindo a produção de respostas satisfatórias (BONI; QUARESMA, 2005).

Além disso, segundo Gaskell (2002), a entrevista mapeia e compreende a realidade dos participantes. Segundo o autor, a entrevista é uma troca de percepções durante a entrevista, onde pesquisador e pesquisado formam o conhecimento. No entanto, segundo Gaskell (2002), deve-se estar atento ao número de entrevistados, por não ser interessante realizar muitas entrevistas em virtude dos resultados da coleta serem muito parecidos, não fornecendo elementos novos para a discussão.

Concomitantemente com a entrevista, realizou-se a aplicação do Método de Instrução ao Sósia (VASCONCELOS; LACOMBLEZ, 2005). Esse instrumento, segundo Vasconcelos e Lacomblez (2005), consiste na aplicação da preposição: Imagine que eu me pareça fisicamente com você e o substituirei no trabalho, o que eu preciso saber para que ninguém perceba a diferença? Esta preposição foi idealizada pelo médico Ivar Oddone, em 1970, na Itália, segundo os autores, o método tem por finalidade buscar compreender os bastidores do trabalho, conhecer os elementos que o circundam e despertar o valor do trabalho no próprio sujeito.

Desse modo, trata-se de uma imagem sobre o trabalho e o trabalhador (VASCONCELOS; LACOMBLEZ, 2005). Além disso, a Instrução ao sósia demanda que após a aplicação da preposição realize-se a auto confrontação, um momento onde o participante fala sobre reflexões feitas sobre o trabalho, e tece comentários sobre sua própria forma de realizá-lo (VASCONCELOS; LACOMBLEZ, 2005). Ademais, segundo Oddone, Re e Briante (1981), o método jamais apresentará resultados totalizantes, pois pesquisador e pesquisado estão em constante transformação.

Salienta-se que todas as entrevistas foram gravadas por aplicativo no celular. Essas foram transcritas por meio do uso do *software word*, que consiste na escuta do arquivo de áudio original e digitação das falas feitas pela pesquisadora pessoalmente (GIBBS, 2009). Segundo Kvale (2007) e Gibbs (2009), transcrever é um processo interpretativo que permite fixar os elementos abstratos da entrevista em forma de documento. Segundo o autor, os dados transcritos facilitam a interpretação e análise

de dados. Esse procedimento demanda tempo e cuidado, visto que a necessidade de transformar os dados orais para a forma escrita (KVALE, 2007).

Posteriormente a essa etapa, realizaram-se os procedimentos de análise dos dados. Esse procedimento consiste no processo de transformar um montante de dados em algo compreensível e significativo (GIBBS, 2009). A técnica de análise utilizada para esse fim foi a análise de conteúdo. Segundo Colbari (2014), é um procedimento que se volta para a comunicação como meio de produzir dados que representem o fenômeno pela voz dos praticantes.

Dessa forma, segundo a autora, existem diversas formas de análise de conteúdo, como: por expressão, relações, avaliação, enunciação e temática. Neste estudo, utilizou-se a análise de conteúdo categorial temática, caracterizada por utilizar os termos que se sobressaem na fala dos participantes com o intuito de revelar seus sentidos e interpretá-los (MINAYO, 1998).

Outrossim, de acordo com Minayo (1998), Bardin (2006) e Colbari (2014) há procedimentos que devem ser executados em uma análise de conteúdo. Primeiramente a pré-análise, a organização do material, com a finalidade de facilitar o processo de análise dos dados (BARDIN, 2006; COLBARI, 2014). Seguido da exploração desse material, sistematização dos achados em categorias, dispostos por homogeneidade, como: repetição de palavras, frases e temas (BARDIN, 2006; COLBARI, 2014). Por fim, o tratamento e interpretação dos dados, que compara e confronta as categorias, e tecendo apontamentos sobre as convergências e divergências (BARDIN, 2006).

Dessa forma, o primeiro procedimento de análise realizado foi a transcrição das entrevistas, que segundo Kvale (2007) e Gibbs (2009), consiste um processo interpretativo que permite fixar os elementos abstratos das falas dos participantes, em texto. Esse transcrito sem cortes, foram feitos somente correções na linguagem coloquial e omissão de vícios de linguagem (KVALE, 2007; GIBBS, 2009).

Posteriormente, realizou-se a seleção dos materiais a ser analisados por meio de grifo em cores diversas dos trechos que apresentassem elementos chaves, os quais poderiam ser descritos e explicados pela lente teórica (GIBBS, 2009), seguido da tabulação por meio do *Software Excel* dos trechos selecionados, a fim de permitir

sua categorização. Segundo Gibbs (2009), as categorias podem ser entendidas como a forma como os dados serão tratados através da identificação e registro de trechos do texto.

Tendo por base as contribuições de Gibbs (2009) sobre codificação, neste estudo realizou-se a codificação baseada em dados, onde a autoria busca nos dados seus significados e representações. Para tal, em célula específica do *software Excel*, destacaram-se unidades de registros, que são fragmentos do conteúdo que permitem a atribuição de significado e classificação (BARDIN, 2006).

Após, realizou-se releitura dos dados de forma aprofundada, produzindo conceituações temporárias das categorias, mediante união dos trechos que abordavam temáticas semelhantes (BARDIN, 2006). Os fragmentos de texto foram codificados com nomes provisórios atribuídos pela pesquisadora. Todos os trechos de texto foram enquadrados em pré-categorias.

Seguidamente, realizaram-se refinamentos nas categorias através de nova visita aos dados e verificação de semelhança por meio da comparação dos conceitos provisórios. Após, procedeu-se a união das pré-categorias similares, gerando uma nova categoria que englobava os trechos que compunham ambos os materiais. Por fim, foram confeccionadas quatro categorias, nominadas com base na unidade de registro, a saber: Pesquisador-Professor ou Professor-Pesquisador; Reflexões Sobre a Docência; Traços de Subjetividades.

RESULTADOS E ANÁLISE

Após a realização dos procedimentos de confecção das categorias, seguem as definições e os apontamentos correspondentes aos temas que emergiram dos procedimentos de coleta e tratamento dos dados.

PESQUISADOR-PROFESSOR OU PROFESSOR – PESQUISADOR?

Nesta categoria questiona-se qual o principal papel dos docentes na educação superior, ser professor e estar na sala de aula ou pesquisador e publicar. Os docentes participantes da pesquisa apresentaram opiniões distintas quanto essa questão. Para alguns dos docentes, a pesquisa é o ponto principal na carreira, é o que traz satisfação

para o docente, o que não significa que a sala de aula cause insatisfação (ALCADIPANI, 2011; LEMOS, 2011).

Desse modo, na opinião dos docentes, o que torna a pesquisa atrativa enquanto forma de trabalho é a possibilidade de transformar quem a realiza, agregar conhecimentos que podem ser efetivamente colocados em prática na vida cotidiana (DIAS SOBRINHO, 2008; ALCADIPANI, 2011). Conforme exemplificado pela Professora 3, que mencionou estar desenvolvendo estudos voltados para o universo infantil e que os conhecimentos desenvolvidos durante a pesquisa permitiram que ela não cometesse erros comuns aos pais no trato com seus filhos.

Por outro lado, alguns docentes percebem a atuação em sala de aula como uma fonte de satisfação, mas também realizam pesquisa. Salienta-se que todos os docentes pesquisados estavam envolvidos com pesquisas no momento da coleta dos dados. Os docentes que manifestaram preferência pela sala de aula, criticaram o peso que a pesquisa e a publicação possuem no meio acadêmico (ALCADIPANI, 2011). Segundo os participantes, há uma cobrança para todos os professores pesquisem e publiquem, desconsiderando as demais tarefas que também são obrigações dos docentes, como as reuniões, a chefia, etc. (DIAS SOBRINHO, 2008; MARTINES; MACHADO, 2010; ALCADIPANI, 2011).

Apesar desses dois lados apresentados, a realização de ambas as tarefas também se mostrou possível e transformadora. Segundo uma das professoras participantes, quando essa atuava na sua carreira de formação superior, também exercia atividade docente concomitantemente. Para essa docente a experiência em sala de aula, com o tempo, tornou-se a atividade profissional que lhe trazia maior satisfação.

Portanto, o sentido que os professores atribuíram ao trabalho docente é uma imagem das subjetividades circundantes. Segundo os relatos apresentados o sentido atribuído é pautado nas experiências e valores do sujeito, produzindo percepções distintas sobre a pesquisa e a atuação na sala de aula, as quais são mutáveis.

REFLEXÕES SOBRE A DOCÊNCIA

Esta categoria caracteriza-se pela exposição das principais reflexões feitas pelos docentes sobre o trabalho docente, a saber: o ambiente da sala de aula; formação pedagógica; o processo de ensino e aprendizagem. Essas são partes de outras questões entrelaçadas que compõem o trabalho docente de forma explícita ou implicitamente.

A sala de aula é o ambiente mais conhecido do trabalho docente, porém não o único (ALVAREZ, 2004). Nesse ambiente, professores e alunos estão unidos no processo de desenvolvido do conhecimento (VEIGA, 2006; NÖRNBERG; FORSTER,2016). Por essa razão, é necessário que o aluno não tenha medo de participar da aula (SANTANA, 2013). Ao contrário, esse deve sentir-se livre para questionar, fazer conexões e interpretações do conteúdo (SANTANA, 2013; NÖRNBERG; FOSTER, 2016). Assim, a construção do conhecimento acontece através do respeito as experiências que cada sujeito, docente e discente, traz para a sala de aula (FIORIN, 2001; JOOSTEN, 2013).

Desse modo, segundo Silva e Borba (2011), as sugestões e questionamentos dos discentes não devem ser interpretados como uma falta de respeito, ou um ataque ao docente. Ao invés disso, ser vista como uma manifestação do pensamento do aluno, mesmo que não corresponda com a do professor, evidentemente, os equívocos conceituais devem ser corrigidos (SILVA; BORBA, 2011). Por outro lado, segundo os autores, é indispensável que o discente aceite as correções feitas pelo docente (VEIGA, 2006; NÖRNBERG; FORSTER,2016).

Por outro lado, essa postura pouco tolerante por parte dos docentes pode ser o resultado da falta de uma formação docente que incentive a construção do conhecimento. Uma das professoras participantes destacou que na formação do professor universitário impera a ideia de que quem sabe fazer, sabe ensinar, deixando-se de lado uma formação na pós-graduação para a atuação na sala de aula (FIORIN, 2001; SILVA; BORBA, 2011, JOOSTEN, 2013).

Dessa forma, a formação básica dos professores não é suficiente para que a atuação em sala de aula (FIORIN, 2001; SILVA; BORBA, 2011; FÁVERO; PASINATO,

2013; JOOSTEN, 2013). Segundo os autores, os docentes devem ter um repertório para a condução das aulas. No entanto, conforme os relatos, a aula expositiva ainda é o formato mais utilizado, caracterizado pela apresentação do conteúdo pelo professor de modo oral, com ou sem o auxílio de outros instrumentos (MASETTO, 2003; FÁVERO; PASINATO, 2013).

Por outro lado, segundo os autores, os docentes que buscam diversificar as aulas utilizam como alternativas o uso de filmes, estudos de casos, seminários, trabalhos em grupo. Segundo o relato do Professor 2, esses recursos demandam planejamento prévio para contemplar o tempo da aula, permitir a exploração desse material para a compreensão do conteúdo proposto (FIORIN, 2001; DELMAR, 2012). Ademais, proporcionar a visão prática do conteúdo, demonstrando que os conteúdos não estão separados da realidade (PROFESSOR 2).

Além disso, segundo Melo (2012) e Fávero e Pasinato (2013), o trabalho docente demanda criatividade para que o ensino e a aprendizagem aconteçam, porém, não depende de uma única fonte, o docente, precisa da cooperação do discente. Segundo Participante 1, há grande desinteresse com a formação educacional por parte dos discentes “[...] Antigamente os desinteressados eram a minoria, hoje em dia é o contrário”. Os discentes desejam aulas conectadas com as tecnologias, mas utilizam esses recursos de modo inapropriado, atrapalhando o momento da aula, plagiando provas e trabalhos (JOOSTEN, 2013).

Portanto, o trabalho docente não se resume a sala de aula, as atividades docentes e administrativas, mas a um processo de formação contínua, inovação e estímulo do discente. Desse modo, as reflexões feitas pelos docentes demonstram a complexidade do trabalho docente (SILVA; BORBA, 2011; VINCENZI, 2012).

TRAÇOS DE SUBJETIVIDADES

Esta categoria discute a presença de traços de personalidade no trabalho docente. Assim, entende-se que as atitudes adotadas, como: preparar materiais com formatação específica para atender as demandas de um aluno deficiente (PROFESSORA 3), iniciar a aula mais tarde, ou terminar mais cedo, pensando na

questão do trânsito (PROFESSOR 2) são pautadas nas subjetividades (GRILLO, 2004; GONZALÉZ-REY; BIZERRIL, 2015), além de preparar materiais com formatação específica para atender as demandas de um aluno deficiente (PROFESSORA 3).

Dessa forma, as atividades realizadas pelos docentes no exercício do trabalho revelam como o sujeito docente interage e reage às situações, produzindo subjetividades (MARTINES; MACHADO, 2010; GONZALÉZ-REY; BIZERRIL, 2015). A Professora 3 mencionada anteriormente, contou que as informações desenvolvidas na sua pesquisa a ajudaram no trato com a filha. Assim, é possível perceber que o trabalho docente produz subjetividades que não são restritas a atividade profissional, mas adentram todos os campos da vida dos sujeitos (GONZALÉZ-REY; BIZERRIL, 2015).

Além disso, conforme outro relato da professora 3, sobre sua escolha pela docência em detrimento da carreira anterior, ilustra o processo de produção de subjetividade, mediante a mudança de percepção de si mesmo e de profissão realizada pela docente (MARTINES; MACHADO, 2010; GONZALÉZ-REY; BIZERRIL, 2015). Assim, conforme Anselmo (2011), o exercício da docência em caráter experimental produziu uma nova forma de perceber o trabalho docente, à medida que o contado com a atividade foi sendo estabelecido.

Dessa forma, as atitudes adotadas pautadas nas interpretações e percepções vigentes produzem subjetividades (MOREIRA; DUTRA, 2006). Assim, segundo Mansano (2010), e Silva e Borba (2011), as interações com os alunos na sala de aula revelam as percepções que permeiam o professor, mas também afetam esse docente. Ademais, novas experiências, alunos diferentes podem produzir formas e ações distintas em cada docente a partir das vivências, mesmo em situações corriqueiras ou de comportamento preestabelecido, como aplicação de uma atividade avaliativa, com maior ou menor vigilância, formato, rigor, entre outros.

Salienta-se, no entanto, que as subjetividades não são estáticas, mas mutáveis, por isso estão constantemente se transformando (MANSANO, 2010). Dessa forma, segundo Mansano (2010), a mudança e produção de novas percepções não acontece instantaneamente, mas com o tempo. Uma característica das

subjetividades é não desprezar as experiências do passado, mas somá-las para formar a presente (MOREIRA; DUTRA, 2006; MANSANO, 2010; SILVA; BORBA, 2011).

TECENDO CRÍTICAS E PENSANDO CAMINHOS

Não é incomum associar à docência ao espaço físico da sala de aula, porém, conforme o discutido neste estudo, a docência não se restringe a esse espaço (ALVAREZ, 2004; ARBEX; SOUZA; MENDONÇA, 2013). Assim, a multiplicidade de envolvidos, ambientes, demanda que o exercício do trabalho docente seja permeado pelo contexto social, não sendo indiferente a realidade (DEJOURS, 2004; MEDEIROS, 2007; VINCENZI, 2012; SANTANA, 2013; DINIZ-PEREIRA, 2015). Logo, a inovação e criatividade precisam ser inseridas no contexto do trabalho, dentro e fora da sala de aula (JOOSTEN, 2013).

Apesar disso, as falas dos docentes demonstraram que a utilização de novos e alternativos recursos de ministração dos conteúdos ainda é tímido. Além disso, ainda há o predomínio da educação bancária (FREIRE, 1996). Desse modo, o incentivo ao protagonismo discente no desenvolvimento do conhecimento, aplicabilidade, funcionalidade dos conhecimentos do curso, ainda fica restrito, na maioria das vezes, ao campo das ideias. Essa inovação, criatividade na educação ainda precisa passar por uma mudança na cultura social e profissional sobre as formas e modelos de educação (FREIRE, 1996; MASETTO, 2003).

Além disso, o relato dos docentes, indica que a própria pesquisa, não mostra sua força e encanto na sala de aula. Os docentes ainda a mantém como uma atividade invisível, “Eu não falo das minhas pesquisas não, os temas não se aplicam a sala de aula” (PROFESSOR 3). Evidentemente, nem sempre será possível conciliar os temas de pesquisa com os conteúdos ministrados. Mas, a questão é o fato dos docentes não conseguirem fazer nem menção dos estudos que desenvolvem, tendo como justificativa, a visão que o discente de graduação não tem interesse em pesquisa (PROFESSOR 3, 4 E 5).

Apesar disso, houve alguns docentes que conseguiram usar as pesquisas em aula para exemplificar uma situação estudada. Esse uso é interessante, pois, parte das subjetividades do docente que o permitem perceber outra utilização e significado para o campo estudado, o artigo produzido (MOREIRA; DUTRA, 2006; MANSANO, 2010). Ademais, conforme os autores, esses os conhecimentos desenvolvidos durante o processo de pesquisa, não são separáveis do sujeito pesquisador e professor.

Por outro lado, existe uma perda de oportunidade do pleno cumprimento do tripé ensino, pesquisa e extensão da universidade (DIAS SOBRINHO, 2008). Ao não haver o compartilhamento social das pesquisas feitas na instituição, e o não incentivo ao ingresso dos discentes na iniciação científica, pesquisa, leitura dos artigos dos seus professores. Além do aspecto prático da função da universidade, o entendimento e apresentação dos procedimentos de pesquisa para além das aulas de metodologia de pesquisa (DIAS SOBRINHO, 2008).

Conseqüentemente, a pesquisa na universidade fica restrita aos discentes de pós-graduação e aos docentes. Além disso, há a perda de um conhecimento aplicável em outros aspectos da vida profissional e social dos discentes (FIORIN, 2001; JOOSTEN, 2013). Visto que, segundo os autores, a pesquisa desenvolve a curiosidade, impulsiona a busca por soluções e alternativas de superação de problemas organizacionais e sociais.

Por outro lado, há uma divisão no departamento a respeito do papel do docente na universidade. Os professores que não fazem parte do programa de pós-graduação disseram haver uma comparação entre os docentes, até mesmo um certo desdém em relação ao professor que atua somente na sala de aula (PROFESSOR 1, 3, 5). Segundo os docentes, os colegas que participam do programa de pós-graduação são entendidos como mais importante porque pesquisam (ALCADIPANI, 2011). No entanto, isso se deve ao sistema de avaliação dos cursos de pós-graduação que privilegia a publicação (ALCADIPANI, 2011).

Independente da razão, da justiça ou injustiça relacionado ao tema, não existe muito a ser feito, já que as avaliações são importantes e não acontecem somente em termos dos cursos de pós-graduação, mas também relacionado a graduação, mas

com pesos diferentes. Ao docente resta tomar a decisão em aderir à publicação ou pagar o preço por recusá-las (ASSIS, BONIFÁCIO, 2012). Dessa forma, é possível perceber que aqueles que desejem enveredar-se pelo trabalho docente acabarão por aderir a essas exigências.

Apesar disso, ainda é possível que a docência e a pesquisa coexistam na formação e no cotidiano do trabalho docente. Um primeiro passo para se repensar a docência superior é questionar a cultura acadêmica dos quilos de publicação (ALCADIPANI, 2011). Além disso, refletir sobre a formação dos futuros docentes. Assim, mesmo nos cursos que não são de licenciatura, os mestres e doutores formados exercerão a função de professor, e para tal precisam ter uma base técnica adequada.

Desse modo, é errôneo pensar que após concluir o curso o discente já é um professor, a conclusão do curso apenas indica que o futuro docente recebeu a formação teórica, e provavelmente a formação técnica necessária. Mas como apontado pelos docentes pesquisados, como um processo produtor de subjetividades o trabalho docente está em constante construção e transformação. Portanto, na docência não basta saber para ensinar, é preciso incentivar, motivar e envolver a sociedade em suas ações, pesquisas, artigos, atendimentos as comunidades circundantes, sendo produtor e produzindo subjetividades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A docência é uma atividade marcada pelo processo de trocas, do sujeito docente com o sujeito discente, e nesse contexto, ambos têm algo a oferecer e a acrescentar no processo de ensino, como visto no decorrer deste estudo. Desse modo, a docência se inicia na sala de aula e vai além, entra nos lares, nas relações entre os sujeitos, que carregam consigo todo conhecimento desenvolvido, e os aplicam nas mais diversas situações. A docência não se resume ao docente, mas a todos que promovem e permitem que o conhecimento aconteça.

A docência, enquanto profissão, extrai do sujeito docente suas experiências, vivências, lembranças de várias fases da vida e as coloca no exercício do trabalho.

Cada aula traz em si marcas da subjetividade do professor, manifestada no tom de voz, na maneira de tratar os alunos, nos exemplos que cita, entre outros. Cada contribuição, pergunta, manifestação de ponto de vista feito pelos discentes, produzem novas formas de perceber a realidade, constrói novas realidades, subjetividades, não só nos docentes, mas também entre os discentes.

Dessa forma, a docência exige equilíbrio, criatividade, paciência, dedicação, amor pelo que se faz — apesar deste ser um sentimento visto como uma fantasia, mas que é necessário — sem isso, o docente perde a motivação para cumprir com o seu papel de auxiliar o discente. Além disso, a ausência desse sentimento pode gerar desmotivação, baixo desempenho profissional.

Posto isto, este artigo contribui com o campo ao destacar as dificuldades e as realidades enfrentadas no exercício cotidiano do trabalho docente, incentivar e promover a reflexão a acerca dos caminhos da profissão. Além de, desmistificar os estereótipos que marcam a profissão, dando enfoque as atividades pouco vistas que compõem o trabalho docente. Outrossim, provocar e questionar os sistemas de avaliação e formação docente que não incentivam e não valorizam igualmente as demais atividades acadêmicas, como o próprio ensino e extensão, no contexto do ensino universitário.

Além disso, o estudo contribui com a academia ao apresentar as subjetividades como elemento a ser considerado na gestão dos cursos superiores. Outrossim, apresentar os espaços onde essa produção de subjetividades docente acontece, e de que modo essas envolvem a atividade profissional para além da sala de aula.

Em estudos futuros, sugere-se envolver os discentes no corpo de pesquisa, entrevistando-os, visto que conforme este estudo demonstrou, esses influenciam a docência e produzem subjetividades por meio da vivência em sala de aula. Além disso, sugere-se a observação da rotina da sala de aula de modo a verificar outras situações que produzam subjetividade, como a relação professor-aluno.

REFERÊNCIAS

- ALCADIPANI, R. Resistir ao produtivismo: uma ode à perturbação acadêmica. **Cadernos Ebape**, v.4, p.1174-1178, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cebape/v9n4/15.pdf>. Acesso em: 21 abr. 2022.
- ALVAREZ, D. **Cimento não é concreto**, tamborim não é pandeiro, pensamento não é dinheiro! Para onde vai a produção acadêmica? Rio de Janeiro: Myhrra, 2004.
- ANGROSINO, M. **Doing Ethnographic and Observational Research**. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications. 2007.
- ANSELMO, A. C. **Psicanálise e educação: o mal-estar do professor universitário na atualidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 97f. 2011.
- ARBEX, A. P. S.; SOUZA, K. R.; MENDONÇA, A. L. O. Teaching, readjustment and health: the experience of teachers at a public university in Brazil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, v. 23, n. 1, p. 263-284, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v23n1/15.pdf>. Acesso em: 23 abr. 2022.
- ASSIS, R. M; BONIFÁCIO, N. A. A formação docente na Universidade: ensino, pesquisa e extensão. **Educação e Fronteiras**, v.1, n.3, p. 36, 2012.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70. (Obra original publicada em 1977). 2006.
- BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: 15 nov. 2015.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. 2012. **Resolução CNS nº 466 de 12 de dezembro de 2012**. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html. Acesso em: 14 fev. 2022.
- _____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. 2016. **Resolução nº 510, de 07 de abril de 2016**. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2022.
- COLBARI, A. A análise de conteúdo e a pesquisa empírica qualitativa. In: SOUZA, E. M. **Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórico conceitual**, pp. 241-272, Vitória: ADUFES, 2014.
- DANTON, G. Metodologia Científica. **Virtual Books Online M&M Editoras Ltda**, 2000/2002.

DA SILVA, M. de L. R.; DA SILVA JUNIOR, J. A. O trabalho docente frente ao desenvolvimento cognitivo e socioafetivo discente. **Perspectivas em Diálogo: revista de educação e sociedade**, v. 9, n. 19, p. 214-229, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/persdia/article/view/12734/10252>. Acesso em: 15 mai. 2022.

D'AVILA, G. T.; DE MELO, T. G. Subjetividade e Psicologia Social do Trabalho: Reflexões Teórico-Methodológicas a partir de Duas Investigações. **Revista Subjetividades**, v. 22, n. 1, p. e11405-e11405, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/11405/6797> 15 mai. 2022

DELMAR, S. N. **Don't Call Me "Professor"**: Student Perceptions Of Graduate Instructor Ethos. The College of Arts and Sciences of the UNIVERSITY OF DAYTON. Dayton, Ohio, p. 109. 2012.

DEJOURS, C. Subjetividade, trabalho e ação. **Revista Produção**, v. 14, n. 3, p. 27-34. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/prod/v14n3/v14n3a03.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2022.

DIAS SOBRINHO, J. Cambios y reformas em la educación superior. In: **La educación superior en america latina y el caribe**: diez años después de la Conferencia Mundial de 1998. Cali: lesalc-Unesco. PUJ. 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz&Terra, 1996. Disponível em: <http://forumeja.org.br/files/Autonomia.pdf> . Acesso em: 7 ago. 2022

FÁVERO, A. A.; PASINATO, D. O Docente Universitário Como Profissional Pesquisador De Sua Própria Prática. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, v. 13, p. 195-206, set-dez. 2013. ISSN 3. Disponível em: http://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/4601/pdf_6. Acesso em: 18 jan. 2022.

FIORIN, I. Teaching. **European Education**, v. 33, p. 85-96, 2001.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Vozes, 2002. cap. 3, p. 64-89.

GIBBS, G. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Artmed. 2009.

GONZÁLEZ-REY, F; BEZERRIL, J. (ORG). **Saúde, cultura e subjetividade**: uma referência interdisciplinar. Brasília: UniCEUB, 2015.

GRILLO, M. H. M. M. The impact of a vocal improvement course in a speech language and hearing science prevention context. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Barueri, v. 16, n. 2, p. 159-168. 2004.

JOOSTEN, H. Learning and Teaching in Uncertain Times: A Nietzschean Approach in Professional Higher Education. **Journal of Philosophy of Education**, v. 47, p. 548-563, 2013.

KVALE, S. **Doing interviews**. London: Sage Publications Ltda. 2007.

LEMOS, D. Trabalho docente nas universidades federais: tensões e contradições. **Caderno CRH**, v. 24, n. 1, p. 105-120, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccrh/v24nspe1/a08v24nspe1.pdf> . Acesso em: 30 fev. 2022.

LIBÂNEO, J.C. **Didática: velhos e novos Temas**. Goiânia: Edição do autor, 2002.

MAGGI, B.; TERSAC, G. In: DANIELLOU, F. **A Ergonomia em Busca de seus Princípios: debates epistemológicos**. São Paulo: Editora Edgar Blucher, 2004.

MANSANO, S. R. V. Sujeito, subjetividade e modos de subjetivação na contemporaneidade. **Revista de Psicologia da UNESP**, v.8, n.2, 2010. Disponível em: <http://www2new.assis.unesp.br/index.php/revista/article/viewFile/139/172>. Acesso em: 20 jan. 2022.

MARTINES, W. R.V.; MACHADO, A. L. Produção de cuidado e subjetividade. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 63, n. 2, p. 328-333. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reben/v63n2/25.pdf> . Acesso em: 29 jan. 2022.

MASETTO, M. T. Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária. In: _____ **Docência universitária: repensando a aula**. 2. ed. [S.l.]: [s.n.], p. 79-108, 2003. Disponível em: http://www.adventista.edu.br/_imagens/area_academica/files/docencia-universitariarepensando-a-aula-i-1.pdf. Acesso em: 18 jan. 2022.

MELO, W. L. **Atividade docente: uma análise do prescrito e do realizado no currículo escolar**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2012.

MOREIRA, A. R.; DUTRA, E. Perspectiva Sócio-Histórica e Abordagem Humanista-Existencial: reflexões sobre o conceito de subjetividade. **Vivência**, v.31, p.49-59, 2006.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

NEVES, D. R. et al. Sentido e significado do trabalho: uma análise dos artigos publicados em periódicos associados à Scientific Periodicals Electronic Library. **Cadernos EBAPE. BR**, v. 16, p. 318-330, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/ncWvqK58zG8PqZC5ZQCGz9x/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 30 mai. 2022.

NEVES, J. L. Pesquisa qualitativa – características, usos e possibilidades. São Paulo: **FEA-USP**, v. 1, n. 3, p.01, 1996. Caderno de Pesquisas em Administração. Disponível em: <http://www.regeusp.com.br/arquivos/C03-art06.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2022.

NÖRNBERG, N. E.; FORSTER, M. M. D. S. Ensino Superior: as competências docentes para ensinar no mundo contemporâneo. **Revista Docência Ensino Superior**, v. 6, p. 187-210, abril, 2016. Disponível em: <https://seer.ufmg.br/index.php/rdes/article/view/1384/1473>. Acesso em: 20 jan. 2022.

NÓVOA, A. Os professores e a história de sua vida. In: _____. **Vidas de professores**. 2. ed. Porto, Portugal: Porto Editora, p.11-30, 2007.

ODDONE, I.; RE, A.; BRIANTE, G. **Redécouvrir l'expérience ouvrière**. Vers une autre psychologie du travail? Paris: Editions sociales. 1981.

PETINELLI-SOUZA, S.; SOUZA, E. M. O trabalho docente no curso de administração: algumas (re)significações. **Educação em Revista [online]**. v.28, n.2, pp. 83-102, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edur/v28n2/a05v28n2.pdf>. Acesso em 11 jan. 2022.

PESSAMILIO, L.; MOTA, D. O Centro de Atenção Psicossocial e a Produção da Subjetividade das Mulheres: uma revisão integrativa. **CADERNOS DE PSICOLOGIA**, v. 3, n. 6, 2021. Disponível em: <http://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/3179>. Acesso em:15 mai. 2022.

RATTO, C. G.; DA SILVA, J. L.; DE CAMARGO, PEREIRA, M. A. Uma possibilidade de reconstrução do laço social entre professores, alunos e comunidade. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, p. 622-636, 2021. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/12969/10428>. Acesso em: 30 mai. 2022.

REVUZ, C. T. O trabalho e o sujeito. In: SCHWARTZ, Y; DURRIVE, L. **Trabalho e Ergologia**: conversas sobre atividade humana. Niterói: Ed. UFF, 2007.

SANTANA, A. C. L. D. A Representação Do Professor Universitário Na Sociedade Contemporânea. **Revista Primus Vitam**, p. 1-23, 2013. Disponível em: http://mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCH/primus_vitam/primus_5/allyne.pdf . Acesso em: 20 jan. 2022.

SILVA, L. A.; SANTOS, N. I. S. Subjetividade e trabalho na educação. **Revista Mal-Estar e Subjetividade** v.11, n.4, pp.1429-1460, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/malestar/v11n4/06.pdf>. Acesso em: 22 jan. 2022.

SILVA, R. N.; BORBA, E. O. **A Importância da Didática no Ensino Superior**. 2011. Disponível em: <http://www.ice.edu.br/TNX/storage/webdisco/2011/11/10/outros/75a110bfefd8a88954e5f511ca9bdf8c.pdf>. Acesso em: 18 jan. 2022.

SOUZA, E. M.; BIANCO, M. F. A Ergologia – uma alternativa analítica para os Estudos do Trabalho. In: CONGRESSO LATINOAMERICANO DE SOCIOLOGÍA DEL TRABAJO, 5., 2007, Montevideo. **Anais...** Montevideo: ALAST, 2007.

SOARES, L. L.; VERISSIMO, L. J. A Formação do Aluno na Graduação em Psicológica pela Pedagogia de Paulo Freire. **Psicologia Ciência e Profissão**, v 30, pp. 588-603, 2010.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

VASCONCELOS, R.; LACOMBLEZ, M. Redescubramo-nos na sua experiência: O desafio que nos lança Ivar Oddone. **Plur(e)al**, v.1, n.1, p. 38-51, 2005. Disponível em: https://sigarra.up.pt/fpceup/pt/publs_pesquisa.formview?p_id=83211>. Acesso em: 17 fev. 2022.

VEIGA, I. P. A. Docência Universitária Na Educação Superior. In: VEIGA, I. P. A. **Docência Universitária na Educação Superior**, Brasília: Inep, p. 85-96. 2006. Disponível em: <https://www.unochapeco.edu.br/static/data/portal/downloads/2130.pdf>. Acesso em: 25 jan. 2022.

VIEIRA, V. A. As tipologias, variações e características da pesquisa de marketing. **Revista da FAE**, Curitiba v.5, n.1, p. 61-70, 2002. Disponível em: http://www.fae.edu/publicacoes/pdf/revista_da_fae/v5_n1_jan_abr_2002/as_tipologias_variacoes_e_.pdf. Acesso em 04 jan. 2022.

VILHENA, J. Da cidade onde vivemos a uma clínica do território. Lugar e produção de subjetividade. **Pulsional Revista de Psicanálise**, São Paulo, ano XV, n. 163, p. 48-54, 2002. Disponível em: http://www.editoraescuta.com.br/pulsional/163_07.pdf. Acesso em: 19 jan. 2022.

VINCENZI, A. de. La Formación Pedagógica Del Profesor Universitario. Un Desafío Para La Reflexión Revisión De La Práctica Docente En El Nivel Superio. **Revista de Pedagogía de la Universidad de Salamanca**, v. 18, p. 111-122, 2012. Disponível em: <http://revistas.usal.es/index.php/0214-3402/article/view/8875/11800>. Acesso em: 03 fev. 2022.

VOLNOVICH, J. R. Subjetividade e organizações. O discurso neoliberal. In: DAVEL, E; VASCONCELLOS, J. (ORG.) **Recursos humanos e subjetividade**. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

